

Cadernos Macambira
V. 5, Nº 2, 2020. Página 126 de 448. ISSN 2525-6580
Anais do I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências - I CIEPTER – 21 a 30 de setembro de 2020.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

Grupo de Diálogo 03: Educação Profissional e Tecnológica, Trabalho Associado e Economia Solidária.

Agricultura familiar: a feira agroecológica como base para o empoderamento feminino

José de Jesus Cruz, Mestrando em Planejamento Territorial – UEFS, Graduado em Administração de Empresa, Licenciado em Sociologia, Especialista em Inovação Social, com ênfase em Economia Solidária e Agroecologia pelo IFBAIANO, Professor da rede Estadual da Educação Profissional e Tecnológica. Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS. jose.cruz.casagbi@gmail.com;
José Raimundo de Oliveira Lima. Doutor em Educação e Contemporaneidade pelo PPGEduC e Mestre em Gestão Integrada de Organizações pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Possui Pós-Graduação lato sensu em Gestão Organizacional e Graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Foi Membro do primeiro Conselho Estadual de Economia Solidária e é Representante da Universidade Estadual de Feira de Santana no Colegiado Territorial de Desenvolvimento Sustentável do Território de Identidade Portal do Sertão, Professor Titular do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Feira de Santana. Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS. zeraimundo@uefs.br;
Laisa Kelle Cardoso Campos. Especialista em Gestão e Planejamento Educacional pela Faculdade Montenegro, Licenciada em Letras Português pela Universidade Metropolitana de Santos e Graduada em Pedagogia pela UNEB, Professora da rede Municipal de Ensino de Palmas de Monte Alto-BA. Rede Municipal de Ensino de Palmas de Monte Alto - BA. laisakellecampos@gmail.com.

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica, Trabalho Associado, Economia Solidária.

INTRODUÇÃO

No Brasil, historicamente o olhar sempre esteve voltado para a agricultura, devido a sua resposta positiva com grandes índices de produtividade, desde o período colonial com a produção de cana-de-açúcar para abastecer o mercado europeu. Assim, ao longo de sua história o país sempre passou por grandes ciclos agrícolas, como: café no Sudeste, o fumo na região Sul, a borracha na região Norte, ainda que de maneira extrativista.

Para Wanderley (1996), a agricultura familiar tem uma lógica alicerçada em um modo de produção intrinsecamente ligada à família, ao trabalho e à propriedade que trazem características das formas sociais camponesas. Essas características implicam no estabelecimento de relações

sociais internas e externas peculiares e que remetem ao modo de vida desses agricultores, em que a capacidade de adaptação aos mais diferentes contextos econômicos, sociais e políticos é ressaltada dentro de cuidado que se estende desde o humano ao meio ambiente, muitos identificados como modo de produção agroecológica, onde uma das principais preocupação é sustentabilidade social, ambiental e econômica, formando assim, uma tríade igualmente importante para este setor.

Por agricultores familiares, entende-se as famílias que produzem sua existência vinculada à reprodução de um modo de vida alicerçado na relação indissociável entre trabalho, família e unidade produtiva da agricultura (LAMARCHE, 1994, WANDERLEY, 1996).

Assim, este relato tem como objetivo principal apresentar a importância da agricultura familiar, da agroecologia e das feiras livres para o empoderamento e protagonismo de mulheres camponesas, tendo por intenção dar visibilidade a ações como esta, para que possa ser reconhecida e reproduzida em outros lugares por outros grupos de mulheres agricultoras.

DESENVOLVIMENTO

Atualmente, o país passa por um ciclo muito próspero com o milho, a soja e o algodão. No entanto, sempre direcionado pelos princípios e diretrizes do agronegócio, visando grandes produtores. Deste modo, a agricultura familiar teve sempre pouca visibilidade por parte das políticas de incentivo e investimento dos governantes, principalmente na região Nordeste. Apesar de ser a agricultura familiar a maior responsável pela geração de empregos no campo, e ser de fato quem põe comida na mesa dos brasileiros.

A agricultura familiar enquanto categoria de análise pode ser entendida como uma unidade de produção familiar com a finalidade de promover recursos para um abastecimento próprio e o excedente é comercializado em feiras livres a fim de gerar e incrementar a renda.

> A agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento. Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional. É perfeitamente compreensível, já que os diferentes setores sociais e suas representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar, para fins de atribuição de crédito, pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que estes três atributos

básicos (gestão, propriedade e trabalho familiar) estão presentes em todas elas. (ABRAMOVAY, 1997, p.3).

No entanto, a agricultura familiar camponesa, sobretudo a praticada no semiárido tem um modelo e uma estrutura própria, demandada especificamente pelo clima da região, o que torna sua prática ainda mais desafiadora do que em qualquer outra região do país. Devido a distribuição temporal das chuvas, que concentram em poucos meses (3-4 meses), geralmente intensas e ocorrem em poucos dias do ano, afetando substancialmente os recursos hídricos para a prática da agricultura de cerqueiro.

Ainda sobre a agricultura familiar praticada no semiárido, é muito diversa e carrega inúmeras características que variam consideravelmente de um lugar para outro, no território de identidade Sertão Produtivo. O que a torna diferente dos demais lugares é sua forma de escoação, que é feita através de feiras livres, onde vendedor e comprador se conhecem formando uma rede agroalimentar interligada que mais se assemelha a um grupo de troca, um dos princípios da economia solidária, algo muito presente nesse tipo de relação.

Neste modo de produção, a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou uma relação afetiva vivificada no companheirismo e na solidariedade fraternal, independente do gênero, todos tem sua contribuição bem definida. No entanto, esta definição não é unânime e tampouco operacional, pois a termologia agricultura familiar é algo muito complexo e único ao mesmo tempo, no imaginário de cada sujeito.

Na busca por uma melhor compreensão acerca da relação existente entre a produção e comercialização, é que foi desenvolvido este trabalho de pesquisa sobre a Feira da Agricultura Familiar organizada pela Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guanambi. Feira esta que acontece todos os domingos das 6:00 horas até as 10 horas da manhã, organizada em frente à sede do sindicato dos produtores rurais de Guanambi. Onde são instaladas as bancas nas quais são expostos os mais diversos produtos advindos das atividades de agricultoras e agricultores familiares denominada pelos mesmos de Feira da Agricultura Familiar Raiz.

A ideia da criação da feira surgiu através de uma educadora popular que testemunhou experiências exitosas no Maranhão, resolveu trazê-las para Guanambi, como forma de incentivar os agricultores e agricultoras a produzir alimentos sem agrotóxicos de maneira que pudessem ser comercializados em espaço próprio para demarcar uma posição agroecológica. A primeira feira

aconteceu por ocasião da comemoração do aniversário do Sindicato que acontece no dia 25 de maio.

A ideia inicial tanto da educadora, como da Assessoria Técnica de Extensão Rural - ATER do Sindicato, era fazer a feira apenas na comemoração do aniversário do sindicato, só que o resultado foi tão positivo e a repercussão foi tão boa, tanto para os agricultores e agricultoras comercializadores como para os consumidores, que a feira foi efetivada e agora ela acontece todos domingos pela manhã.

A organização da feira da Agricultura Familiar conta com o apoio irrestrito da Secretaria de Política Agrícola e da Secretaria das Mulheres do Sindicato dos trabalhadores rurais de Guanambi. Essa parceria entre sindicato e agricultores é marcada pelo diálogo, como acontecera no planejamento de 2020, onde foi encaminhado o cadastramento das agricultoras e agricultores, a partir de uma visita técnica às propriedades, cujos agricultores/as demonstrassem interesse em fazer parte da feira, como comerciante.

Durante a visita, além do cadastro é realizado um momento de formação, mobilização e de sensibilização sobre a importância de se fazer uma produção agroecológica livre de agrotóxicos. O maior benefício da feira é a concretização de um sonho antigo dos agricultores/as a venda direta de seus produtos evitando assim atravessadores, pois são eles mesmos que produzem e comercializam, garantindo um preço justo.

As pessoas que vendem seus produtos na feira da Agricultura familiar são os agricultores/as cadastrados, a maioria são as mulheres, e suas produções em sua maioria são advindas das tecnologias sociais de captação de água da chuva para a produção de hortaliças como: cisternas de produção com capacidade 52 mil, barreiros de trincheiras, tanque de pedra, barragem subterrânea, e também são utilizados poços artesianos de pequena vazão. Essas tecnologias foram viabilizadas através do programa Um Milhão de Cisternas executado pela Asa Brasil, com financiamento do extinto Ministério do Desenvolvimento Social nos Governos petista de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff.

Para as pessoas se cadastrarem e venderem na feira é necessário fazerem parte do Sindicato, ou seja, são pessoas que estão filiadas, contribui com movimento sindical e recebe do sindicato assistência técnica direcionada. A intenção não é tão somente pela contribuição para o

movimento Sindical, mas sim provocar um movimento em rede incentivando-os a produzirem alimentos de alta qualidade que não apresentam nenhum risco à saúde das pessoas, uma vez que os mesmos não contêm nenhum tipo de agrotóxico.

A feira da agricultura familiar é de fundamental importância para a sociedade local, principalmente porque a alimentação que é colocada na mesa dos brasileiros, mais de 70%, segundo pesquisas da Organização das Nações Unidas para a Alimentação, também conhecida como FAO (sigla do inglês *Food and Agriculture Organization*), são frutos da Agricultura Familiar e são cultivados manualmente. Ao contrário do agronegócio que cultiva com máquinas e são alimentos que em seu processo não contém nenhum sentimento de preocupação com a saúde e com a segurança alimentar. Quanto aos alimentos cultivados pela agricultura familiar, geralmente são alimentos que têm sentimento de solidariedade, ao contrário dos produtos que são cultivados com máquinas pesadas, e que usa uma grande quantidade de agrotóxicos que agride e contamina o meio ambiente, além prejudicar a saúde humana.

Os produtos que são cultivados sem agrotóxicos na agricultura familiar são produtos naturais, apesar de não serem reconhecidos como produtos orgânicos, pois, não contém o selo. Entretanto, é uma produção que verdadeiramente se preocupa com a segurança alimentar e nutricional. Muitos consumidores que procuram a feira são pessoas que estão em busca de uma alimentação mais saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de conteúdos abordados neste relato, sintetiza a importância da pratica da agricultura e seu modo de comercialização através de feira-livre agroecológica, que vai além dos aspectos econômicos da monetização, e evidencia um novo protagonismo sobretudo, para as mulheres camponesas, que com criatividade e muito trabalho rompem com os paradigmas da exploração do modo capitalista e constroem um novo canal alternativo para a geração de renda, proteção do meio ambiente e nova maneira de produzir e consumir alimentos.

Dessa forma, podemos concluir que a feira da agricultura familiar é constituída como uma iniciativa relevante na promoção de uma segurança alimentar e nutricional para toda comunidade na micro região de Guanambi e colabora com o desenvolvimento local, uma vez que oportuniza aos agricultores venderem suas produções a preço justo, livre de atravessadores.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em questão**. São Paulo. Anpocs, Unicamp, Hucitec, 1992. "Uma nova extensão para a agricultura familiar". In: Seminário Nacional De Assistência Técnica e Extensão Rural. Brasília, DF, Anais,1997, p. 29 (Texto para discussão).

ASA – Articulação no Semiárido Brasileiro. Cisternas nas escolas: uma conquista do povo do Semiárido. Recife: ASACom, 2011. (**Cartilha**)

ASA – Articulação no Semiárido Brasileiro. Recife: ASACom, 2010. (**Cartilha**).

CENTRO DE AGROECOLOGIA NO SEMIÁRIDO. Estatuto Social. CASA, 2013. (Org.). **Convivência com o Semiárido**: autonomia e protagonismo social. Brasília: IABS, 2013. P.53-210

BAPTISTA, Naidison Q. BARBOSA, A. G. PIRES, A. H.**A convivência com o Semiárido como condição *Sinequa non* para a produção sustentável de alimentos na região.** Realidade, desafios e perspectivas. Art. Março de 2014.

LAMARCHE, Hughes (Coord.). A agricultura familiar: Comparação internacional. Tradução de Ângela Maria NaokoTijiwa. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993, p.11 - 33. In: WANDERLEY, M.N.B. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidades**. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, n.21, p. 42-61, out. 2003

Portal da FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura - http://www.fao.org/brasil/pt/. Acessado em 10/09/2020